



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**

**CAIO MACHADO NASCIMENTO**

**HISTÓRIA DIGITAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM LEVANTAMENTO  
BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO REPOSITÓRIO DO PROFHISTÓRIA  
NACIONAL (2016-2020)**

**RECIFE**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CAIO MACHADO NASCIMENTO**

**HISTÓRIA DIGITAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM LEVANTAMENTO  
BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO REPOSITÓRIO DO PROFHISTÓRIA  
NACIONAL (2016-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em História. Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Allan Alves da Mata Ribeiro

**RECIFE**

**2024**

CAIO MACHADO NASCIMENTO

**HISTÓRIA DIGITAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM LEVANTAMENTO  
BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO REPOSITÓRIO DO PROFHISTÓRIA NACIONAL  
(2016-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em História.  
Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Allan Alves da Mata Ribeiro.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Me. Allan Alves da Mata Ribeiro (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Thiago Nunes Soares (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Roberta Duarte da Silva (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

# **HISTÓRIA DIGITAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO REPOSITÓRIO DO PROFHISTÓRIA NACIONAL (2016-2020)**

## **La Historia Digital en la Enseñanza de la Historia: una revisión bibliográfica a partir del repositorio ProfHistoria Nacional**

Caio Machado Nascimento  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### **RESUMO**

O presente artigo objetivou um levantamento de pesquisas atentas à interface História Digital e Ensino de História. Partindo do repositório digital do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), analisamos dissertações voltadas aos impactos causados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas novas demandas de ensino e aprendizagem. Inspirada na Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin(2011) e Franco(2008), concluímos que existe uma crescente preocupação em entender como as TDICs impactam o Ensino de História. Em contrapartida, destacamos o número relativamente baixo de dissertações que abordaram as relações entre os dois campos, o que ressalta a necessidade de pesquisas neste tema - principalmente se considerarmos as rápidas mudanças acarretadas pela pandemia de COVID-19. Salientamos, assim, tendências e oportunidades na colaboração entre os campos da História Digital e do Ensino de História.

**Palavras-chave:** História Digital; Ensino de História; Educação; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; ProfHistória.

### **RESUMEN**

Este artículo tuvo como objetivo encuestar investigaciones centradas en la interfaz de la Historia Digital y la Enseñanza de la Historia. Utilizando el repositorio digital de la Maestría Profesional en Enseñanza de la Historia (ProfHistoria), analizamos disertaciones enfocadas en los impactos causados por las Tecnologías de la Información y la Comunicación Digital (TDIC) en las nuevas demandas de enseñanza y aprendizaje. Inspirándonos en el Análisis de Contenido, propuesto por Laurence Bardin (2011) y Franco (2008), llegamos a la conclusión de que existe una preocupación creciente por comprender cómo las TDIC impactan la enseñanza de la Historia. Por otro lado, destacamos el número relativamente bajo de disertaciones que abordaron las relaciones entre los dos campos, lo que resalta la necesidad de investigación sobre este tema, especialmente si consideramos los rápidos cambios provocados por la pandemia de COVID-19. Por ello destacamos tendencias y oportunidades de colaboración entre los campos de la Historia Digital y la Enseñanza de la Historia.

**Palabras clave:** Historia Digital; Enseñanza de la Historia; Educación; Tecnologías de la Información y las Comunicaciones Digitales; ProfHistoria.

## 1. INTRODUÇÃO

O advento da popularização da *Internet*<sup>1</sup>, assim como a evolução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), vêm causando um impacto significativo na nossa sociedade. Nessa perspectiva, as implicações são rapidamente sentidas no âmbito da produção acadêmica em História e, por conseguinte, no campo do Ensino de História, uma vez que são modificadas as relações entre os sujeitos no processo de aprendizagem, assim como os formatos e espaços de produção do conhecimento histórico.

Por este ângulo, a introdução da tecnologia na sala de aula tem proporcionado novas possibilidades para as práticas educativas no ensino escolarizado de História, ofertando diferentes estratégias de apropriação do conhecimento e recursos inovadores que, se utilizados de maneira adequada, podem enriquecer a abordagem pedagógica.

Apesar do crescente interesse por parte dos professores de incorporar as Tecnologias Digitais nas salas de aula de História, consideramos que existem lacunas sobre como integrá-las de maneira efetiva ao currículo, levando em conta dimensões como: as formas pelas quais as TDICs afetam a formação do pensamento histórico dos estudantes, num tempo marcado pela rapidez de acesso à informação; como as tecnologias podem ser utilizadas para além de um recurso didático no processo de ensino e aprendizagem e, nessa perspectiva, como podemos nos utilizar delas para apurar a análise crítica, a compreensão de fontes históricas e as habilidades de pesquisa dos alunos; e como ocupar os novos espaços disponíveis no mundo virtual, aderindo a novos formatos de produção do conhecimento histórico.

Nesse âmbito, o presente trabalho tem como objetivo mapear pesquisas acadêmicas que abordem convergências entre os campos da História Digital e o Ensino de História. Assim, a pesquisa procurou identificar, descrever e discutir como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm sido abordadas quando relacionadas ao campo do Ensino de História. A partir de uma revisão da produção acadêmica sobre o tema, discutimos tendências e oportunidades provenientes da colaboração entre esses dois campos.

---

<sup>1</sup> A Internet é uma rede de computadores de alcance global que interconecta milhões de equipamentos através do mundo. Inicialmente estes equipamentos eram essencialmente computadores de mesa, estações de trabalho baseadas em UNIX e servidores que armazenavam e transmitiam informações como sites e mensagens de e-mail. Todavia, cada vez mais equipamentos vêm sendo conectados à rede, como PDAs (Personal digital assistant, ou palmtop), televisores, notebooks, telefones celulares, automóveis, câmeras de vídeo, etc. Em função disso, o termo “rede de computadores” parece estar defasado em sua aplicação à Internet. Todos esses equipamentos conectados à rede podem ser considerados hosts. Todos os hosts se comunicam através de links de comunicação, que podem ser de vários tipos: cabos coaxiais, cabos de cobre, fibras óticas, ondas de rádio, etc. Por sua vez, os hosts acessam a Internet através dos provedores de serviço de Internet (ISPs) (Kurose; Ross, 2005, pp. 2-6).

Tendo enquanto fontes as dissertações disponíveis no repositório nacional do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), discutimos as implicações causadas pelas TDICs nos espaços de produção do conhecimento histórico, destacando a relação entre elas e o ensino escolarizado de História. Em adição, o trabalho buscou examinar a forma como essas pesquisas abordam essa interseção - tendo como parâmetro de análise a diferenciação entre as pesquisas que tratam desse tema a partir de uma instrumentalização da tecnologia em sala de aula e as que enxergam as TDICs enquanto possíveis espaços de produção do conhecimento histórico.

Por História Digital compreendemos uma abordagem que utiliza as novas tecnologias de comunicação computadorizadas, a rede da Internet e os sistemas de software para examinar e representar o passado. Esta perspectiva se revela como uma arena aberta de produção e comunicação acadêmica, englobando o desenvolvimento de materiais didáticos e coleções de dados acadêmicos. Além disso, a História Digital se caracteriza como uma abordagem metodológica, influenciada pelo poder hipertextual dessas tecnologias, permitindo criar, definir, consultar e anotar associações no registro humano do passado. Fazer História Digital, portanto, envolve a criação de uma estrutura, uma ontologia, por meio da tecnologia, proporcionando às pessoas a experiência, leitura e acompanhamento de discussões sobre problemas históricos (Brasil & Nascimento, 2020, apud Thomas III et al., 2008).

Considerando os objetivos apresentados, este artigo se estrutura em quatro seções. Na primeira seção, introduzimos os referenciais teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa, destacando os pilares teóricos nos quais se baseia e o tipo de abordagem adotada para dar suporte à análise. Esta seção será destinada a explicar o formato e o percurso a ser feito pela pesquisa. Na segunda seção, partimos da Pré-análise, que representa o início da pesquisa, selecionando o repositório, descritores que orientaram a busca e as dissertações que formaram o *corpus* analisado. Em seguida, exploramos o material bibliográfico, definindo o parâmetro de categorização e as categorias provenientes de sua aplicação no *corpus*. O tratamento e classificação dos resultados ocupou a seção seguinte. Interpretamos os dados coletados, identificando padrões, tendências emergentes e fazendo algumas considerações acerca do tema da História Digital no Ensino de História. Por fim, elaboramos as considerações finais, onde sintetizamos as principais descobertas da pesquisa e discutimos seu impacto no contexto do Ensino de História.

## **2. APRESENTAÇÃO DO FORMATO E DO PERCURSO DA PESQUISA**

O presente trabalho é um levantamento bibliográfico inspirado na Análise de Conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2011). Bardin é uma socióloga francesa, professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V que, em meio à década de 1970, desenvolveu a obra “Análise de Conteúdo”, reconhecida contribuição no campo das pesquisas qualitativas. Sua obra, amplamente utilizada no meio acadêmico, trata sobre como conduzir análises a partir de diretrizes bem definidas e etapas detalhadas - permitindo, desse modo, a categorização, codificação e interpretação dos dados coletados através das fontes escolhidas. Segundo Bardin(2011), a Análise de Conteúdo pode ser entendida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 4 apud Câmara, 2013, p. 182).

A escolha do caminho teórico-metodológico inspirado em Bardin(2011) se dá pela versatilidade e adaptabilidade do método, a depender do objeto de estudo e contextos de pesquisa, podendo ser aplicada a uma variedade maior de fontes, sejam eles revistas, imagens, textos e discursos. Para além disso, a Análise de Conteúdo permite explorar significados implícitos nos dados, aspecto importante para um levantamento bibliográfico que busca percepções, interpretações e matizes que são de difícil percepção quando utilizados métodos quantitativos de pesquisa.

Essa técnica nos permite uma abordagem mais crítica do objeto de estudo, uma vez que não se reduz a números e estatísticas sobre ele, fator particularmente vital a uma pesquisa que se propõe a entender a complexidade da relação entre os campos do Ensino de História e da História Digital, e suas implicações para o ensino escolarizado de História nas dissertações do ProfHistória. Nesse sentido, o método se mostra especialmente útil para uma pesquisa exploratória, podendo servir de suporte para posteriores formulações de hipóteses, apontando direções possíveis na interseção entre os campos de pesquisa aqui contemplados.

Através de um conjunto de técnicas de análise que se dividem, de forma geral, em três etapas principais. Inspirado nesse tratamento, o percurso da presente pesquisa seguiu o seguinte formato: 1) A Pré-análise, onde o pesquisador escolhe suas fontes e se familiariza com o material que será analisado em sua pesquisa - o que, no caso do presente trabalho, se dá com a exploração inicial do ProfHistória e seu repositório de dissertações, delimitando o *corpus* da

pesquisa; 2) Exploração do Material, onde é feita a categorização do *corpus* da pesquisa, etapa que permite que o pesquisador identifique e crie categorias que delimitam a “unidade de registro”, como define Franco (2008), ou seja, o parâmetro que servirá de base para a análise e categorização das dissertações, fator que, nessa pesquisa, é definido pela forma como as TDICs são abordadas nesses textos - se apenas como recursos didáticos ou como possibilidade de produção de conhecimento histórico; 3) E o tratamento dos resultados a partir da interpretação e da realização de inferências. Nesta etapa, o pesquisador busca por padrões, tendências e significados subjacentes a partir da análise crítica dos resultados das etapas anteriores.

### 3. ANÁLISE TEXTUAL

#### 3.1. Pré-análise

A primeira etapa do presente trabalho consistiu na escolha do site do ProfHistória Nacional para pesquisa de dados relevantes ao objetivo central da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa situada no campo do Ensino de História, mas que dialoga com o campo da História Digital, dissertações de professores atuantes na rede básica de ensino se mostram como privilegiados espaços de discussão sobre como as TDICs são concebidas no processo de ensino e aprendizagem, fator definidor para o presente trabalho.

O banco de dados escolhido foi o site do ProfHistória<sup>2</sup>. O ProfHistória é um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ensino de História a nível nacional que possui como objetivo a qualificação de docentes de História atuantes na educação básica, fornecendo-lhes subsídios específicos e aprofundados em variadas áreas de atuação, contribuindo, dessa forma, para uma formação continuada desses professores e que possui como objetivo a melhoria da qualidade do exercício da docência na Educação Básica. Configurando-se no formato de curso presencial de oferta simultânea em várias universidades do país, em parceria com o Ministério da Educação, sendo liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é reconhecido pelo MEC e recomendado pela CAPES. Para além de uma formação continuada, o programa busca promover a reflexão e a pesquisa sobre o Ensino de História, a produção de materiais didáticos e a realização de discussões através de fóruns, simpósios e grupos de pesquisa que procuram se aprofundar nos mais variados temas do campo.

De acordo com a linha do tempo exposta no *site* do Programa, o projeto do ProfHistória começa a ganhar corpo no ano de 2012, partindo do interesse de um conjunto de docentes do

---

<sup>2</sup> Disponível no endereço: <https://www.profhistoria.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2023.

Rio de Janeiro sobre a proposta da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), no que diz respeito à criação de cursos de mestrado profissional em rede nacional, direcionada para o público-alvo formado por professores e professoras atuantes na educação básica das redes públicas de ensino. A proposta do ProfHistória foi apresentada pela professora Marieta de Moraes Ferreira, ligada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em conjunto com um grupo de professores ligados a outras seis instituições de ensino do mesmo estado que, dessa forma, elaboraram o projeto submetido à CAPES.

Aprovado o projeto pela CAPES, sua primeira turma teve início no segundo semestre de 2014 e contou com docentes vinculados a seis universidades de ensino superior pertencentes à Região Sudeste (UFRJ, UERJ, UNIRIO, UFRRJ, UFF e PUC-Rio), uma da Região Norte (UFT) e cinco da Região Sul (UFRGS, FURG, UFSM, UDESC e UFSC), ampliando o número de instituições de ensino participantes a partir de editais de adesão de novas instituições, em 2015, e assim por diante. Atualmente, 39 instituições participam do programa ao longo do território brasileiro, incluindo a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e conta com 585 vagas totais distribuídas entre as universidades participantes do Programa, segundo edital de seleção de 2023 disponível no site do ProfHistória Nacional. Coordenado nacionalmente pelo Prof. Dr. Luís Reznik (UERJ) juntamente com a Profa. Dra. Mônica Lima e Souza (UFRJ), o Programa conta com três principais linhas de pesquisa, a saber: Saberes Históricos no Espaço Escolar; Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão; Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória; e possui duração média de dois anos, instituindo processo seletivo que conta, geralmente, com prova escrita, entrevista, análise de currículo e avaliação de projeto de pesquisa para ingresso no Programa.

De acordo com Barros (2010), o trabalho de levantamento bibliográfico se dá como um ponto de partida de uma pesquisa, e, não menos importante do que pode se desenvolver a partir dele, se propõe a ter um tom menos denunciativo e mais exploratório sobre determinado tema. Para além de um formato de pesquisa, a revisão bibliográfica é um trabalho teórico salutar à ciência, uma vez que ajuda a entender o que é o tema e como ele é pesquisado dentro de um campo científico. Se configura como um exercício analítico que permite enxergar tendências, possibilidades e urgências a partir da análise sobre as produções acadêmicas pertencentes a determinado eixo temático. Nessa perspectiva,

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos

exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (Gil, 2002, p. 44).

Sobre a motivação da escolha das dissertações do programa de mestrado profissional em História enquanto fontes:

Para além dos periódicos, outro setor de ponta em termos de conhecimento atualizado é constituído pelas dissertações e teses. Muitas delas não foram publicadas, ou então encontraram edição mais resumida depois de sua defesa, mas certamente todas poderão ser buscadas nas bibliotecas das suas universidades de origem. Estabelecer um diálogo com as teses que se desenvolveram em torno de temáticas afins ao trabalho que se pretende realizar é não apenas trazer novos elementos para o debate, mas potencializar a intertextualidade que será construída pelo pesquisador com a incorporação das ‘revisões bibliográficas’ que cada uma destas teses já traz consigo. É, acima de tudo, inscrever o trabalho em uma teia que se atualiza ininterruptamente (Barros, 2010, p. 107).

Dito isto, a escolha de seu repositório se deu também por: relevância que possui para a comunidade acadêmica, uma vez que disponibiliza as produções sobre inúmeros temas pesquisados; a abordagem de pesquisa do programa, que leva em conta a dimensão prática do Ensino de História, tendo em mente que, por se diferenciar dos programas de mestrado tradicionais, o ProfHistória conta com pesquisadores que exercem a profissão de professores, fator que possibilita um melhor recorte para o debate do tema central da presente pesquisa; a constante alimentação do site por meio da chegada de novas dissertações sobre novos temas, fator que garante a atualização das produções assim como a oxigenação do campo do Ensino de História com problemáticas atuais.

O descritor utilizado foi “História Digital”, definido *a priori*, sendo escolhido pelo fato de que, incluídas no programa do ProfHistória, as dissertações já se encontram no campo do Ensino de História, sendo necessária a busca pela interseção entre os dois campos. Depois de definido o marcador/indicador, bastava que esse indicador figurasse no título da pesquisa ou até mesmo nas palavras-chave de cada dissertação para que elas entrassem no *corpus* documental. De todas as dissertações disponíveis no site do ProfHistória, um total de seis pesquisas apresentavam o indicador como resultado, delimitando o *corpus* documental a ser trabalhado.

## **3.2 Exploração do material bibliográfico**

### **3.2.1 Apresentação das dissertações**

Nesta segunda etapa, torna-se necessária uma exploração mais detalhada das dissertações. Antes de iniciar a exploração de maneira mais aprofundada, iremos apresentar, de maneira ampla, cada uma delas. No quadro a seguir, é possível visualizar as pesquisas por autor, palavras-chave, título do trabalho, universidade e ano:

**Quadro 1** - Produções encontradas a partir da utilização do marcador “História Digital” no campo de busca do site do ProfHistória Nacional

<b>AUTORA/ AUTOR</b>	<b>PALAVRAS - CHAVE</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>ANO</b>
Marta Cristina Soares Dile Robalinho	Ensino de História; Patrimônio; Objetos; Museu da República; História Digital	“Os Objetos no Ensino de História: um olhar para o século XIX no Museu da República”	UERJ	2016
Daniel Carvalho Pereira	Ensino de História; Didática da História; História Pública; Podcast; História Digital	“Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história”	UERJ	2016
Daniela Martins de Menezes Moraes	Ensino de História; Aprendizagem Histórica; História Digital; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; Redes Sociais Online; Era Digital	“ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA NAS REDES SOCIAIS ONLINE: possibilidades e desafios para o espaço escolar”	UFPE	2018
Gabriel Cunha Mendes	Ensino de História; História Digital; História Pública; Pós-verdade; Fake News; Youtube.	“Canal “Outra História”: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História”	UNIRIO	2018
Raquel Elison Costa	Ensino de História; História Pública; História Digital; Produção e difusão de narrativas históricas; Ensino e aprendizagem em espaços não formais; Canal no Youtube: Quinhoar	“Ensino de História por meio do canal QUINHOAR no Youtube.”	UFRRJ	2018
Romulo Fernandes de Assis	Ensino de História; Negacionismo;	“As influências nos Pinóquios e a	PUC-RJ	2020

	Obscurantismo; História Digital; História Pública.	resistência dos Gepetos: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História”		
--	--	---	--	--

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023)

Iniciamos pela dissertação de Marta Cristina Soares Dile Robalinho. A dissertação foi apresentada em 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisadora, mobilizou reflexões de se utiliza das reflexões de Ulpiano Bezerra de Meneses, David Lowenthal e Stephen Ball para abordar a questão do Ensino de História nos museus, refletindo sobre fatores como o lugar do conhecimento no museu e como professores e estudantes podem se apropriar desse conhecimento associado aos espaços museológicos. Além disso, mobiliza esses autores para debater sobre as diferenças entre memória e história e abordar as relações entre os sujeitos e os objetos no processo de construção do conhecimento.

A proposta da pesquisa de Robalinho(2016) está relacionada à área de História Patrimonial, ainda que tangencialmente se aproxime da proposta do presente trabalho. A autora propõe a criação de um aplicativo-jogo em colaboração com os alunos, destinado a guiar visitas ao Museu da República e facilitar as interações decorrentes dessas visitas. Os resultados encontrados em sua pesquisa revelam a importância de compreender a história dos objetos e a dinâmica da exposição do museu, além da complexa relação entre memória e história. Ela chama a atenção ainda para uma abertura para a multiplicidade de ideias e sugestões dos usuários, destacando a relevância do uso da tecnologia no ensino de História baseado em objetos musealizados. Robalinho(2016) conclui que o aplicativo é um espaço de criação e pedagogia que permite aos alunos interagirem com a exposição, enfrentando desafios e aprendendo de maneira divertida.

Prosseguindo, temos a dissertação de Daniel Carvalho Pereira, apresentada em 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Esta dissertação, intitulada "Espaços públicos, saberes públicos: um *podcast* como espaço de ensino de história," concentra-se na análise dos impactos na produção e disseminação de conhecimentos históricos devido ao surgimento das TDICs, utilizando o projeto de criação de um *podcast* chamado "Sobre História *Podcast*" como meio de investigação.

O pesquisador se utiliza de autores Luis Fernando Cerri, Jörn Rüsen e Klaus Bergmann para embasar suas reflexões acerca da construção da Consciência Histórica e como se

desenvolve a Didática da História, ressaltando a importância de considerar os saberes que circulam nos espaços públicos como parte do ensino da disciplina. Para além desses, Pereira (2016) se utiliza de autores como Ricardo Santhiago, Anita Lucchesi e Pierre Lévy para debater a interseção entre os campos do Ensino de História e da História Digital, abordando novas maneiras de escrever a História, levando em consideração as transformações decorrentes da introdução das tecnologias digitais na vida das pessoas.

Pereira (2016) enfatiza a necessidade de uma reavaliação do conhecimento histórico na sociedade moderna, influenciada pelo acesso à informação e tecnologias como a Web 2.0. O autor conclui, dessa forma, que há necessidade de uma reflexão epistemológica, propondo a integração da Didática da História e a consideração da vida prática e cotidiana na produção do conhecimento histórico. Além disso, Pereira (2016) destaca os espaços públicos, especialmente os meios de comunicação, como locais cruciais para a circulação e (re)elaboração do conhecimento histórico, argumentando a favor do que chama de “Didática da História Pública” como forma de enfrentamento dos desafios propostos por esse novo cenário.

Em nosso percurso de análise, chegamos à terceira dissertação, apresentada por Daniela Martins de Menezes Moraes, em 2018, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco. Intitulada "ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA NAS REDES SOCIAIS ONLINE: possibilidades e desafios para o espaço escolar". A pesquisa de Moraes (2018) estabelece um diálogo entre os campos da História Digital e do Ensino de História, uma vez que aborda o tema com uma contextualização detalhada dos aspectos sociais que envolvem a atividade docente nos dias atuais, em constante interação com as TDICs. Esta abordagem não deixa de lado a discussão sobre o impacto das TDICs na aprendizagem histórica.

Moraes (2018) mobiliza autores como David Lowenthal, Reinhart Koselleck, Michael Pollack e François Hartog para analisar conceitos historiográficos essenciais para o desenvolvimento do conhecimento histórico e discutir, desse modo, o contexto atual da escrita da História e os possíveis usos do passado. Para embasar as discussões do campo do Ensino de História, com ênfase em Educação Histórica e Didática da História, Moraes (2018) se utiliza de autores como Peter Lee, Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schmidt, Tania Braga Garcia, Flavia Caimi e Itamar Freitas. Para além desses autores, a pesquisadora busca abranger também a discussão acerca dos conceitos de História Digital e Aprendizagem Histórica Digital, demonstrando a possível interseção desses conceitos com as demandas da aprendizagem da História nesse novo contexto. Para tal, se utiliza de autores como Pierre Lévy, Manuel Castells e Paula Sibilia.

Por fim, a pesquisa de Moraes (2018) explora as possibilidades de integração do ciberespaço e da cibercultura no processo de ensino e aprendizagem de História. Ao questionar o papel da escola e do saber histórico escolar diante da acessibilidade instantânea a informações por meio das redes sociais, conecta os campos da História Digital e do Ensino de História, contribuindo para uma avaliação complexa de uma questão atual no contexto educacional brasileiro.

A quarta dissertação analisada foi a de Gabriel Cunha Mendes, intitulada “Canal “Outra História”: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História”. A dissertação foi apresentada, em 2018, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A proposta central do trabalho de Mendes(2018) é a criação de um canal no YouTube chamado "Outra História", que busca tornar o acesso à informação histórica mais fácil e didático, adaptando-se à linguagem acessível e ao formato preferido pelo público mais jovem, tendo como referência seus alunos, sem comprometer o rigor científico do campo do Ensino de História e respeitando, dessa forma, os saberes escolares.

As escolhas teórico-metodológicas de Mendes (2018) abordam diversas temáticas relevantes para a compreensão da Era Digital e suas implicações na História. Assim sendo, ele se utiliza de autores como Manuel Castells, Anita Lucchesi, Denis Rolland e Ciro Marcondes Filho, entre outros, para discutir História Pública e a influência da Web 2.0 na produção historiográfica. Para fazer a ponte entre a História Digital e o Ensino de História, Mendes (2018) se utiliza de autores como Jurandir Malerba, Albuquerque Júnior, Lima de Almeida e Keila Grinberg, Israel Aquino e Célia Tavares, entre outros.

Mendes (2018) conclui que a educação brasileira enfrenta desafios grandiosos, entre eles a polarização de ideias e a ascensão da pós-verdade na sociedade contemporânea, refletida em movimentos como o “Escola Sem Partido”, fatores que desafiam o papel do educador na promoção de um pensamento crítico e focado numa cidadania plena. Diante da revolução informacional, um desafio significativo se coloca como empecilho, ou seja, a facilidade de acesso muitas vezes resulta em desleixo na busca por informações, especialmente entre as gerações digitais. Por fim, Mendes (2018) propõe oferecer aos alunos fontes seguras que se embasam em pesquisas sérias, tendo como objetivo final promover uma abordagem educacional mais democrática, que leve em conta as oportunidades oferecidas pela *Internet*, visando uma transformação na educação ao incitar um novo despertar para o conhecimento através de novas formas de construí-lo.

Dando continuidade ao processo de apresentação das dissertações, chegamos à quinta dissertação, escrita por Raquel Elisa Costa, intitulada “Ensino de História por meio do canal QUINHOAR no Youtube”. Esta dissertação foi apresentada no ano de 2018 no programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Semelhante ao trabalho de Mendes(2018), discutido anteriormente, sua dissertação se desenvolve em torno do desenvolvimento de um canal no Youtube, intitulado “Quinhoar”, e de uma página no aplicativo Facebook, intitulada “Quinhoar: Ensino de História”, nome escolhido a partir da necessidade da construção, segundo ela, de um canal colaborativo que permitisse a participação dela e de seus alunos no processo de aprendizagem, tendo a palavra “Quinhoar” o sentido de compartilhar, dividir, partilhar(Costa, 2018).

Costa (2018) se utiliza de autores como Leandro de Aguiar, Juan Andrés Bresciano e Stefania Gallini, entre outros, para embasamento e discussão sobre a temática da História Digital. Para discutir as implicações do digital no Ensino de História, a pesquisadora mobiliza autores como Eucídio Arruda, Circe Bittencourt, Alessandra Ciambarella e Cinthia Monteiro, entre vários outros, com a finalidade de fazer um aprofundamento sobre a aprendizagem histórica, assim como sobre os desafios que marcam esse novo contexto educacional caracterizado pela presença das TDIC’s.

A pesquisadora conclui que, muito embora a pesquisa aconteça em ambiente acadêmico, revela sua origem na dinâmica do ambiente escolar, tendo como característica uma construção colaborativa, que leva em conta sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, já que a elaboração do canal do Youtube e da página de Facebook acontece a partir das contribuições de historiadores, alunos e professores, presencialmente ou por meio de mídias digitais (Costa, 2018).

Isto posto, a última das dissertações analisadas é a de Rômulo Fernandes de Assis, intitulada “A influência nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos: como discursos Negacionistas vêm adentrando as aulas de História”. A dissertação foi apresentada em 2020 ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Semelhante aos textos debatidos até o presente momento, a pesquisa de Assis (2020) se propõe a entender as relações entre os campos da História Digital e do Ensino de História.

Assis (2020) se utiliza de autores como Walter Benjamin, Luis Fernando Cerri, Rodrigo Turin e Paulo Freire para discutir as relações entre a História e a Historiografia, assim como os campos da Didática da História, Educação e Ensino de História. Para imbricar suas argumentações no campo da História Digital, fazendo ponte com as discussões pertinentes à

História Pública, o pesquisador se utiliza de autores como Anita Lucchesi, Pedro Telles da Silveira e Dilton Maynard, responsáveis pelo embasamento teórico de suas discussões.

O pesquisador conclui que num cenário pós-pandêmico onde as produções de conteúdo digitais ganharam ainda mais espaço e relevância, tendo, com isto, crescido a disputa entre grupos conservadores e pesquisadores produtores de conteúdo a nível acadêmico, a atuação de historiadores e educadores no contexto digital precisa ser repensada. Segundo ele, é preciso pensar numa produção de conteúdo histórico de qualidade, mais acessível, e capaz de atingir um público mais amplo, algo que ultrapasse os muros do espaço acadêmico e do espaço escolar, sem perder, desse modo, a seriedade e o embasamento científico (Assis, 2020). Para tal, o pesquisador defende a valorização da História e das Ciências Humanas como pilares centrais numa formação emancipadora e crítica dos brasileiros, fator relevante na luta constante contra as tentativas de perseguição à docência, à desvalorização da ciência e aos negacionismos.

### **3.2.2. Definição da Unidade de Registro e das Categorias**

O presente trabalho já possuía um parâmetro de categorização para ser utilizado no tratamento das dissertações encontradas, se encaixando no modelo de categorias definidas *a priori*, pré-determinadas em função da especificidade da busca. A proposta central do trabalho foi discutir como essas dissertações abordam o tema da História Digital imbricado no Ensino de História, utilizando do seguinte parâmetro de diferenciação: Quais são, entre as dissertações, as que abordam as TDICs a partir de uma instrumentalização da tecnologia em sala de aula, ou seja, enxergando-as apenas enquanto recursos didáticos, e quais são aquelas que as enxergam enquanto potenciais espaços de produção e divulgação do conhecimento histórico, problematizando as dificuldades encontradas por alunos e professores ao lidar com o contexto contemporâneo, caracterizado pela Web 2.0<sup>3</sup>.

Isto posto, torna-se necessário considerar a diferenciação entre os trabalhos que contemplam o uso didático-pedagógico das TDICs, ou seja, enquanto recursos, e aqueles que possuem uma leitura mais abrangente, discutindo o impacto da tecnologia no Ensino de História e nas relações com o conhecimento histórico. A categorização presente neste trabalho busca enfatizar a urgência da apropriação dos espaços digitais por meio dos educadores, além de uma reflexão mais abrangente sobre as possibilidades de produção do conhecimento histórico que

---

<sup>3</sup> “Em linhas gerais, Web 2.0 diria respeito a uma segunda geração de serviços e aplicativos da rede e a recursos, tecnologias e conceitos que permitem um maior grau de interatividade e colaboração na utilização da Internet.”(Bressan, 2009, p. 2)

fujam de uma abordagem utilitarista e, muitas vezes técnica, sem, no entanto, tornar a cultura digital o centro do processo de aprendizagem, onde os meios e as ferramentas digitais se sobressaem aos processos e métodos de ensino.

Assim sendo, trata-se de uma categorização baseada numa distinção sutil, porém crucial, realçando a necessidade de uma compreensão mais profunda e habilidosa do uso das tecnologias digitais como facilitadoras do processo formativo da educação. Portanto, o parâmetro de categorização das dissertações foi escolhido com a finalidade de ressaltar a necessidade de enxergar as TDIC's enquanto ambiente propício para possíveis reinvenções das metodologias de ensino e aprendizagem, levando em conta a linguagem utilizada nos espaços não institucionais de produção de conhecimento(virtuais), os os possíveis novos formatos e a capacidade de mediação exigida do educador, no sentido de conduzir adequadamente o processo de construção do conhecimento histórico através das TDIC's, num contexto fortemente marcado pelo digital.

Por fim, enumero as categorias como forma de facilitar a posterior classificação nas quais se enquadram as dissertações analisadas, com base na discussão que propõem em seus textos: Categoria 1-Tecnologias Digitais Instrumentalizadas como Recursos Didático-Pedagógicos; Categoria 2- Tecnologias Digitais enquanto possíveis Espaços de Produção de Conhecimento Histórico.

## **4. TRATAMENTO DOS RESULTADOS**

### **4.1. Categorização das Dissertações**

Das seis dissertações selecionadas, apenas uma se enquadra na primeira categoria - a dissertação de Robalinho (2016) - uma vez que aborda as TDICs a partir de uma perspectiva utilitarista, enquanto recurso didático-pedagógico que torna mais interessante uma visita realizada ao Museu da República. A pesquisa direciona-se mais para a noção de patrimônio, ao utilizar a tecnologia como meio de aproximação entre alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem, do que necessariamente explorar as Tecnologias Digitais como uma ferramenta para a produção de conhecimento histórico.

Assim, embora aborde tópicos relacionados à interseção entre História Digital e Ensino de História, o foco da pesquisa de Robalinho (2016) não reside na exploração das potenciais formas de produção de conhecimento e ocupação de espaços digitais, é essencialmente um

estudo de caso que explora os usos de um recurso tecnológico (aplicativo-jogo) em sala de aula, com ênfase na experiência de ensino e aprendizagem. Portanto, com base nesses aspectos, a pesquisa de Robalinho (2016) pode ser classificada na categoria 1.

Prosseguindo temos a dissertação de Pereira (2016). A pesquisa investiga como a difusão do conhecimento histórico, que anteriormente estava predominantemente ligada à academia e à escola, agora se encontra dispersa e, muitas vezes, independente desses contextos tradicionais devido ao advento da *internet* e das mídias sociais. Busca compreender como essa mudança afeta a construção do conhecimento científico em História e seus desdobramentos no campo do Ensino de História.

Desse modo, o autor ressalta a importância da apropriação dos espaços públicos criados através da *internet* pela comunidade histórica, concluindo, em última análise, sobre a urgência de adaptar as tradições da disciplina histórica diante das mudanças trazidas pela era digital e pelas demandas da sociedade atual (Pereira, 2016). Além disso, o autor discute a tensão enfrentada tanto pelos historiadores quanto pela produção científica em História ao lidarem com uma realidade que conecta espaços escolares, públicos e científicos, argumentando que a Historiografia não é mais a única fonte de narrativas na qual as pessoas se inserem e se entendem no tempo, à medida em que novos meios de produção de conhecimento e metodologias são possíveis a partir das TDICs.

Tendo dito isto, a dissertação de Pereira (2016) não apenas aborda essa problemática, como também oferece uma via alternativa ao propor a criação de um *podcast* que atue fora do ambiente escolar, mas mantenha conexão com ele. O *podcast* em questão seria produzido por historiadores profissionais, mas estaria em constante evolução de acordo com as demandas do espaço público com o qual interage, contemplando a interseção entre a Didática da História e a História Pública, para além dos campos da História Digital e Ensino de História. Nesse sentido, a dissertação de Pereira (2016) se enquadra na categoria 2, marcada pela reflexão mais aprofundada sobre como as Tecnologias Digitais e as Mídias Sociais conectadas à *Internet* figuram como possibilidades de espaços de produção de conhecimento histórico e não somente como recursos didático- pedagógicos.

Continuando, Moraes (2018) busca contextualizar sua pesquisa dentro da Cibercultura, destacando os "homo zappiens" enquanto indivíduos que possuem papel central no que ela conceitua como "era digital". Seu foco principal está nas redes sociais online, mais especificamente no site/aplicativo Instagram, utilizando-o como fonte para entender possibilidades de aprendizagem histórica fora dos espaços institucionais, explorando, por

consequente, como perfis dedicados à produção de conhecimento histórico utilizam linguagens e metodologias nas redes sociais e como a possível apropriação desse tipo de linguagem específica criada pelas redes pode ser uma possibilidade extremamente fértil para a prática docente.

Em seu trabalho, Moraes (2018) realiza uma pesquisa quantitativa para investigar os hábitos e preferências dos alunos da rede básica onde ensina, no que diz respeito à aprendizagem histórica inserida no contexto das redes sociais digitais. A pesquisa também ressalta a urgência da apropriação desses espaços por parte dos professores, destacando o grande potencial das redes sociais para produção de conhecimento histórico numa linguagem demandada pelas novas formas de aprender História, embora muitas vezes essas iniciativas sejam carentes de fundamentação teórico-metodológica e validação científica, fator recorrentemente enfrentado pelos docentes. Assim, é possível categorizar sua dissertação também na categoria 2, onde as Tecnologias Digitais e as Mídias Sociais conectadas à *Internet* são entendidas como possibilidades e não apenas como instrumentos didático-pedagógicos.

Seguindo, temos o trabalho de Mendes (2018). A dissertação aborda diversos temas, incluindo a democratização do conhecimento pela *Internet*, a relação entre História Digital, História Pública e Ensino de História, além de questões como pós-verdade e *fake news* na educação brasileira escrevendo sobre uma possível abordagem que aproxime esses temas por meio da criação de um canal no YouTube. Mendes (2018) discute espaços não formais de produção de conhecimento histórico, que, segundo ele, estão cada vez mais presentes na sociedade a partir da popularização do uso da *Internet*, especialmente entre os alunos que estão acostumados com rápidas mudanças tecnológicas e que possuem uma adaptabilidade a novos tipos de linguagem e a novos modos de se aprender História.

Muito embora a *Internet* não seja inerentemente democrática, a pesquisa de Mendes (2018) defende a possibilidade de construir canais e ferramentas de acesso mais democráticos para promover uma construção contínua de um conteúdo educacional que extrapole os espaços institucionais. Por esse ângulo, Mendes (2018) argumenta que é urgente incorporar a tecnologia em práticas pedagógicas que unam o conhecimento formal acadêmico e os saberes produzidos no espaço escolar com os novos espaços de produção de conhecimento online, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem na disciplina escolar.

O pesquisador propõe que os conhecimentos produzidos fora da escola possam ser introduzidos na comunidade escolar e sugere que os professores atuem como "mentores" capazes de fornecer ferramentas para uma produção responsável de conhecimento histórico na

*Internet*. Assim sendo, o YouTube figura como uma ferramenta de grande relevância, por se apresentar como um espaço “natural” e de comum uso para as gerações digitais, podendo ser utilizado para estimular o interesse pelo conhecimento histórico, auxiliando educadores na criação de abordagens pedagógicas mais atrativas, já que se aproximam do ambiente (linguagem e formato) consumido pelos alunos. Por fim, a dissertação de Mendes (2018) será colocada também na categoria 2, já que se propõe a discutir de maneira mais aprofundada as relações das TDICs com o Ensino de História.

Dando continuidade, temos a pesquisa de Costa (2018). Seu trabalho relaciona diretamente o campo da História Digital com campo do Ensino de História já que se propõe a discutir não só a necessidade urgente de mudança nas abordagens didáticas na disciplina escolar, visando acompanhar as mudanças tecnológicas presentes em sua vida e nas de seus alunos, mas de uma adequação linguística que facilite a aprendizagem dos conteúdos e preencha as lacunas deixadas entre as velhas formas de aprender e as novas demandas de conteúdo histórico apresentadas por esses alunos da rede estadual pública de ensino do Rio de Janeiro.

Diante desse panorama, a pesquisa de Costa (2018) se desenvolve através de capítulos que abordam diretamente os desafios enfrentados por professores e historiadores diante de um contexto marcado pela ascensão da *Internet*. Para além disso, ela explora a apropriação dos conhecimentos gerados pelo campo da História Digital como uma forma de adaptação didática necessária, disposta a atender às novas necessidades de seus alunos, propondo, dessa forma, uma abordagem teórico-metodológica que aproxime os campos da História Digital, do Ensino de História e da História Pública, tendo como objetivo a superação de revisionismos, a promoção da cidadania crítica e a prevenção de ataques à ciência, tão comuns nos dias atuais.

Por fim, Costa (2018) se utiliza de conceitos de diversas áreas de conhecimento nas humanidades que, segundo ela, eram consideradas antagônicas ou não relacionáveis, em determinado contexto, e propõe a integração delas para construção de sua pesquisa. Assim, sua dissertação também será posta na categoria 2, já que se propõe a aprofundar o tema da História Digital imbricada no Ensino de História através de um esforço de pesquisa que ultrapassa a mera instrumentalização das TDICs.

Para o fim da categorização, temos a dissertação de Assis (2020). A análise explora a ocupação dos espaços digitais e as conexões entre as produções acadêmicas e o público em geral, discutindo sobre como se relacionam o campo científico da História e o do Ensino de História. Para tal, ele se utiliza das redes sociais como o *Youtube*, *Spotify* e *Instagram* para analisar como as pesquisas acadêmicas e a produção de conhecimento histórico têm encontrado

expressão nesses espaços digitais. Seu objetivo é compreender como as produções de conteúdo nessas redes impactam a relação entre professores de História/ historiadores e os espaços ditos informais, ou ainda não institucionais, de produção de conhecimento.

A pesquisa de Assis (2020) inclui perguntas enviadas aos produtores de conteúdo dos canais analisados, abordando tópicos importantes como a motivação para criar os canais, se eles alcançaram seus objetivos e se o trabalho realizado na plataforma digital poderia ser replicado em sala de aula. Essas questões, segundo ele, são cruciais para entender se os criadores de conteúdo sentem a necessidade de envolver o público em debates historiográficos mais amplos e se têm a intenção de combater a desinformação relacionada aos constantes ataques e revisionismos na área de História. Essa abordagem além de ser inovadora, por estar lidando diretamente com produtores de conteúdo em História em plataformas digitais, também se mostra particularmente relevante ao campo do Ensino de História, já que propõe uma possível comunicação entre as pesquisas científicas, os espaços ditos informais de produção de conhecimento histórico e seus públicos consumidores.

Por fim, Assis (2020) propõe uma apropriação do meio digital como possibilidade de construção de conhecimento histórico a partir das demandas de um mundo conectado, argumentando no sentido de algo que vai além das plataformas digitais, ou seja, de uma democratização do acesso ao conhecimento histórico que seja independente do acesso à *Internet* em sala de aula, mas que dialogue com essas novas formas de ensinar e aprender. Já que aborda os negacionismos e revisionismos tão presentes na sala de aula atual, buscando canais digitais de divulgação de conhecimento científico embasado que, de forma acessível e adaptada ao público geral, se mostram como formas aliadas ao combate da desinformação, sua dissertação será colocada também na categoria 2.

#### **4.2. Análise dos dados coletados e considerações sobre História Digital no Ensino de História**

Considerando que cinco entre as seis dissertações selecionadas abordam as Tecnologias Digitais partindo de uma perspectiva crítica, depreende-se que os professores participantes do ProfHistória se mostram preocupados em avaliar as possibilidades, benefícios e desafios associados à implementação das TDICs no Ensino de História, o que sugere o compromisso que vai além do simples uso de um instrumento tecnológico em sala de aula, que demonstra uma análise reflexiva voltada às implicações pedagógicas e epistemológicas das TDICs no

campo do Ensino de História.

Também é possível deduzir que a abordagem do tema da História Digital no Ensino de História se dá de maneiras diferentes. Nesse sentido, pode-se sugerir que há mais de uma abordagem do tema dentro desse campo de estudo, fator que é considerado enriquecedor uma vez que favorece uma compreensão do tema a partir de diferentes ângulos. Isso também sugere que existe um interesse crescente em entender como as TDICs impactam a história escolar e, desse modo, como modificam a forma como os professores, historiadores e estudantes produzem, acessam e compartilham conhecimento histórico em rede.

Tendo como gancho a discussão acerca das tensões que cercam historiadores e professores ao lidarem com as relações entre espaços escolares, públicos e científicos, é possível afirmar que, com o decorrer do tempo, as formas de escrita da história assim como o que se entendia como fonte mudaram, modificando, dessa forma, as relações entre pesquisadores e seus objetos (Malerba, 2017). Não menos importante, o público das produções em História, assim como os espaços de produção desse conhecimento, se alterou de maneira significativa.

Quero dizer com isso que as produções em História aconteciam, majoritariamente, de forma institucional, nas universidades. Há, no entanto, uma mudança dessa relação de produção de conhecimento com a introdução dos meios virtuais, onde a *internet* assume um papel de facilitador ao acesso de fontes e de pesquisas. Uma vez que a *internet* se insere como facilitador comunicativo, o campo da História Pública passa por modificações, lidando com o fato de que a produção de conhecimento histórico não mais depende de um espaço institucional para acontecer, fator que interfere diretamente no tipo de conhecimento produzido, nas relações com o público e na sua divulgação, ou seja, na força de pulverização dessas produções de conteúdo que não se utilizam da metodologia de pesquisa da História para serem feitas. Sobre isto,

Num primeiro momento, a relação historiador/historiografia/público há de se ser colocada em perspectiva histórica, no sentido de que tanto os sujeitos desse tripé quanto os meios (as mídias) de sua conexão variaram em cada tempo/espaço considerado. Em segundo lugar, no contexto dessa relação nos dias atuais, o advento dos meios digitais, nomeadamente a *internet*, alterou dramaticamente os elementos constituintes do trinômio. Por fim, neste quadrante, em que a prática historiadora extravasa para além dos circuitos institucionais tradicionais de tal modo a se questionar o próprio sentido da história como disciplina acadêmica, a reflexão sobre o papel social do historiador profissional impõe-se com fragorosa urgência. (Malerba, 2017, p. 136).

É possível pontuar que, com uma qualidade e abrangência cada vez maior, a *Internet* vem possibilitando que mais pessoas se utilizem dessa ferramenta para ter acesso à fontes e

discussões que, muitas vezes, acabam permitindo reconfigurações nos usos do passado. Uma das consequências desse acesso facilitado é o uso do passado de forma prática, para a confirmação de expectativas, construção identitária e até mesmo para o reforço de preconceitos e estereótipos sobre o outro, uma vez que o ambiente virtual se configura como sendo uma esfera pública, possibilitando a formação de opinião sem precisar, na maioria das vezes, do lastro de um historiador ou sequer de uma metodologia.

Malerba (2017) alerta que o público anterior à *Internet*, já no século XX, tinha se ampliado vertiginosamente em comparação ao século passado. Porém, a *Internet* possibilitou um aumento muito significativo do “público consumidor” de história assim como modificou a mídia pela qual se veiculam fontes, documentos, interpretações e produções intelectuais. Com ela, os livros acabam perdendo o seu papel de protagonistas enquanto meios de veiculação do conhecimento produzido, alterando as formas de como se produz e como se lê história. Em certa medida, assim como se modifica a mídia de veiculação das produções intelectuais na área, o público deixa de ser somente consumidor de história e passa a também ser, de certo modo, produtor de história. Malerba argumenta ainda que

O público de história se expandiu vertiginosamente nos últimos anos, para muito além do público consumidor de livros – inclusive de livros de história popular. Mas ainda resta uma longa zona cinzenta em torno do conceito de história pública. A história é “pública” porque sua produção saiu da tutela acadêmica e passou a ser largamente praticada, produzida por leigos, amadores, diletantes? Ou ela é pública pela dimensão da audiência que é capaz de atingir – e que cresceu exponencialmente nas últimas três décadas? Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet. (Malerba, 2017, p. 141).

Há, no entanto, consequências relevantes que surgem dessa nova relação entre a sociedade e as novas formas de produção de conhecimento e do acesso aos dados. Benício e Câmara (2017) abordam esse contexto, onde os discursos sobre os elementos constituintes de uma identidade criada a partir de um ambiente virtual acabam se embasando em produções que não precisam contar com um rigor científico e, desse modo, estão constantemente “teleguiados” por filtros produzidos através de algoritmos que quase sempre formam “bolhas” capazes de moldar a forma como o sujeito se relaciona com o conhecimento, consigo próprio e com os grupos sociais, virtuais ou não, como é o caso, por exemplo, das redes sociais.

O capitalismo se apropriou dos espaços virtuais transformando-os, sobretudo, em ambientes de consumo, acarretando, dessa forma, em direcionamentos a partir da lógica de mercado - ou seja, em algoritmos que identificam, a partir dos hábitos de consumo, que tipo de

informação, qual posicionamento político e com quais grupos sociais seu perfil estaria em consonância. Sujeitos diferentes em localidades diferentes terão resultados diferentes para a mesma pesquisa. Sendo assim, quem dita o processo de produção de conhecimento no ambiente virtual? Nesse ambiente há, de fato, uma liberdade e democratização de acesso aos dados e fontes? É possível que o conhecimento histórico, inserido na perspectiva das redes sociais, esteja sendo produzido de forma utilitarista e, dessa forma, acaba servindo muitas vezes como legitimador de discursos nocivos e falaciosos. Sobre o direcionamento do acesso ao conhecimento através dos filtros (algoritmos) no ambiente virtual:

Além de enfraquecer nosso senso do que é público, que se baseia, essencialmente, em questões que nos são alheias, a personalização da internet leva o usuário a um sentimento de infalibilidade, uma vez que sua percepção de mundo está deformada pelos filtros. Sem saber quais os critérios de seleção são utilizados para definir o que será tornado visível e o que será deixado de fora, o indivíduo tem a sensação de que está vendo tudo, e de que tudo corresponde ao modo como ele pensa (Câmara e Benicio, 2017, p. 48).

Ainda sobre o assunto e considerando a perspectiva da aprendizagem virtual em História, é possível fazer algumas observações. Tanto o professor de História quanto o historiador contemporâneo precisam estar atentos e atualizar-se nas discussões sobre fontes, métodos, veiculação e ocupação dos espaços virtuais. Uma vez que o ensino de história tem como um de seus papéis a formação crítica e participativa do cidadão brasileiro, torna-se necessário discutir esses fatores ou corremos sério risco de ter nosso papel social diminuído e, não menos importante, acompanharmos o surgimento de narrativas diversas sobre o passado, sem qualquer rigor de análise, instrumentalizados nos discursos políticos/ideológicos que recorrentemente incitam ao ódio e ao preconceito.

Dito isto, é possível refletir acerca da inserção da figura do professor de História nesse contexto marcado por essas produções de conteúdo, onde o processo metodológico e o rigor requerido pela ciência histórica são, muitas vezes, ignorados - sendo, no entanto, atrativos aos alunos, se comparados às produções historiográficas, em formato e linguagem utilizada. O professor contemporâneo enfrenta um cenário onde a relação com a leitura se dá de forma completamente diferente quando comparada com o período anterior ao surgimento da *Internet*. Os textos diminuíram a ponto de caberem em apenas três dígitos de caracteres, ou seja, com o acelerado fluxo de informações e a quantidade delas que somos capazes de absorver nos dias atuais, o texto grande e rebuscado perde espaço para postagens simples com análises

superficiais, geralmente associados a imagens e/ou vídeos como forma de apresentação do conteúdo. Sobre isto,

Certamente, a ação educativa apresenta dificuldades em readaptar-se às novas condições de trabalho na era das mudanças tecnológicas, recaindo na pergunta pelo sentido da tarefa do professor. Podemos dizer que na medida em que transformarmos nossas práticas em exercícios reflexivos e criativos e estivermos em abertura para a comunicação – tentando não apenas dominar as tecnologias virtuais como simples ferramentas, mas como maneiras de ensaiar novas experiências culturais – estaremos participando de um novo tipo de aprendizagem social, a aprendizagem interativa que mimetiza formas reais por meio das virtuais. A constituição dos sujeitos na era da internet altera as formas de aprendizagem e a maneira como os mesmos desempenham uma multiplicidade de papéis, construindo simulacros do eu por meio de ações linguísticas, inserindo-se em estruturas hipertextuais (Conte, Martini, 2015, p. 3).

Na perspectiva da História enquanto disciplina escolar, por se tratar de um conhecimento que se desenvolve com base, quase que em sua totalidade, na escrita, exige tanto de quem aprende como de quem ensina operações complexas de abstração e uma certa fluidez nessa modalidade. Acerca desse assunto:

De acordo com Michel de Certeau, a história é uma operação sobre o discurso. Nessa linha de raciocínio, o ofício do historiador é um exercício escriturístico. Esse exercício se dá sobre a linguagem, mas ocorre especialmente sobre a escrita. Tal atividade envolve a leitura e a escrita e exige erudição e domínio sobre esse território. A referência, a citação, as operações, enfim, que produzem um efeito de real, conferem credibilidade ao texto historiográfico. E requisitam a abstração descontextualizante na hierarquização de informações e na referência a eventos e processos descontextualizados. Tais características da narrativa histórica, como o uso de estruturas sintáticas subordinativas relativas ao tempo, para citar apenas um grupo, lhe atribuem uma especificidade que precisa ser considerada no ensinar e aprender a ler textos escolares dessa área de conhecimento (Rocha, 2010, p. 129).

Dito isto, torna-se crucial para o professor de História entender como os processos de ensino e aprendizagem se desenvolvem em termos de linguagens, assim como o papel social que a História ocupa nas vidas dos sujeitos nesse processo, como estabelecem conexões entre si, com o mundo contemporâneo, e como essas conexões acabam por configurar novos cenários para o Ensino de História. Ainda sobre o assunto, Rocha (2010) complementa:

Aprender história não só requisita o conhecimento prévio da leitura e da escrita, mas requisita o domínio da leitura, da escrita e da narrativa histórica, como forma de organizar o discurso sobre o tempo. Seu ensino pressupõe a existência de uma comunidade de escrita na qual o aluno deverá se inserir, com a colaboração do professor. Ou seja, para que o aluno compreenda a escrita da história, ele também precisa aprender a ler e escrever história, não como historiador, mas inserindo-se na lógica da racionalidade da escrita histórica escolar. (Rocha, 2010, p. 129).

Nessa perspectiva, a aprendizagem de história exige do aluno certas ferramentas linguísticas necessárias para o avanço da construção do seu conhecimento histórico. No entanto, se considerarmos o cenário digital atual e mudarmos a perspectiva de análise direcionando-a para o professor no processo de ensino e aprendizagem, quais seriam as habilidades e ferramentas a serem desenvolvidas pelo profissional que ensina história e que lida diariamente com alunos nativos digitais? Como os professores de história têm lidado com a guerra de narrativas, revisionistas e negacionistas no cenário digital?

Essas perguntas motivaram o presente trabalho a buscar respostas nas dissertações de professores atuantes no ensino básico, mas não podem ser facilmente respondidas, já que os conhecimentos disciplinares, assim como a figura do professor, passam por um momento de instabilidade devido ao processo de imersão dos alunos numa cultura digital, processo que vem transformando a construção do conhecimento histórico em sala de aula. Turin afirma:

Pode-se dizer que a disciplina histórica hoje parece transitar de modo tenso entre um passado disciplinar e um passado prático. Um passado disciplinar, cujas razões práticas vinculam-se às próprias condições de sobrevivência e de reprodução da disciplina e do historiador no sistema universitário e escolar; um passado prático, constituído pelas pressões de um cenário marcado pela difusão e pela ampliação dos meios de representação do passado, pelos efeitos da aceleração social e pela globalização das memórias sociais e nacionais (Turin, 2017, p. 200).

Tendo isto em mente, retorno à observação sobre o número de dissertações utilizadas pela pesquisa. Em contrapartida ao interesse crescente pelo tema da História Digital, como apenas seis dissertações foram encontradas ao utilizar o marcador escolhido, é possível inferir que tanto o uso prático das Tecnologias Digitais, enquanto ferramentas do processo de aprendizagem em sala de aula, quanto sua utilização ao entendê-la enquanto espaço de produção de conhecimento histórico, ainda não são amplamente explorados e debatidos no campo do Ensino de História, se comparadas às aparições de outros temas de pesquisas no mesmo repositório. É possível, portanto, que haja um distanciamento entre as produções acadêmicas e a efetiva implementação do uso de TDICs na sala de aula de História, ou ainda que o tema não seja considerado como tão urgente de ser discutido pelos professores inseridos no campo de pesquisa do Ensino de História, que fazem parte do programa do ProfHistória.

A baixa quantidade de dissertações sobre o tema demonstra a urgência de uma compreensão aprofundada. É possível afirmar que este cenário pode ser atribuído, em parte, à falta de investimento na formação de profissionais aptos a dialogar sobre a interseção entre tecnologias e educação, associando-se a isso a relativa novidade e complexidade do tema, o que pode, muitas vezes, desencorajar seu aprofundamento. Além disso, algumas outras variáveis

podem contribuir para a escassez do tema, como a lentidão na atualização dos currículos acadêmicos, a resistência às mudanças metodológicas demandadas por suas discussões, além da limitação de recursos tecnológicos nas instituições de ensino, algo recorrente em todo o país, fatores que também podem ser elencados como contribuintes para a escassez desse debate.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou mapear dissertações atentas às relações entre os campos da História Digital e do Ensino de História. A partir do repositório digital do ProfHistória Nacional e inspirados nas técnicas da Análise de Conteúdo propostas por Bardin (2011), discutimos abordagens “utilitaristas” das TDICs, além de tratamentos sensíveis às tecnologias enquanto espaços de produção de conhecimento histórico.

Os resultados do levantamento revelaram que existe uma crescente preocupação em entender como as Tecnologias Digitais impactam o Ensino de História. Em contrapartida, foi observado um número relativamente baixo de dissertações disponíveis que abordavam a relação entre os dois campos, apenas seis trabalhos no site de um repositório a nível nacional, o que ressalta ainda mais a necessidade de maior pesquisa neste tema - principalmente se considerarmos as rápidas mudanças nas relações de trabalho e de ensino acarretadas pela pandemia de COVID-19, fator que evidenciou de maneira acelerada a importância das TDICs em todas as esferas sociais e, por conseguinte, no Ensino de História.

A relação entre os professores e as diversas linguagens do mundo digital, assim como os impactos das evoluções tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, precisa ser estudada, especialmente sobre os profissionais pertencentes a gerações anteriores ao uso comum da *Internet*. É essencial diagnosticar as dificuldades enfrentadas pelos professores em relação à fluência digital, especialmente em um país onde o acesso à informatização é extremamente desigual.

Tendo em vista que as mudanças tecnológicas nos proporcionam possibilidades diversas, antes jamais vistas no Ensino de História e no fazer historiográfico, é fundamental que abracemos esse potencial e continuemos a explorar como as Tecnologias Digitais podem enriquecer a construção do conhecimento histórico e contribuir para a formação cidadã, crítica e informada. A meu ver, o futuro educacional passa inevitavelmente por essa capacidade de adaptação e inovação. Enquanto profissionais da educação, é crucial refletirmos seriamente sobre a realidade que nos cerca, a da virtualização, da informatização e da mudança drástica no

paradigma da produção e compartilhamento de conhecimento.

Nesse sentido, professores necessitam, mais do que nunca, de formações continuadas que abarquem reflexões aprofundadas sobre as vantagens e desvantagens do uso das Tecnologias Digitais em suas respectivas funções. É preciso que as esferas públicas, em consonância com instituições de ensino, estejam dispostas a pesquisar e incluir nas grades curriculares de seus cursos de licenciatura disciplinas que tratam da introdução dos futuros professores no processo de informatização e, dessa forma, discutam sobre a possibilidade de uma reconfiguração do processo de ensino e aprendizagem histórica permeada por uma cultura digital tão amplamente difundida.

Por fim, é importante destacar que este trabalho surge da necessidade de reflexão acerca das rápidas transformações proporcionadas pelo mundo virtual, num contexto onde os profissionais da educação foram submetidos a vertiginosas transformações na maneira de trabalhar, precisando se adaptar (na maioria das vezes, sem os recursos necessários) a uma realidade que demanda não só habilidade com ferramentas digitais mas também uma adaptação a novas formas de aprender e ensinar.

Ainda sobre isto, ressaltamos o impacto da pandemia de COVID-19 na educação básica no Brasil. Segundo o Censo Escolar de 2021<sup>4</sup>, o Ensino Médio enfrentou desafios significativos, possuindo uma taxa de abandono que mais que dobrou em 2021 quando comparado com 2020, atingindo 5%. As regiões Norte e Nordeste, experimentaram taxas de abandono ainda mais alarmantes, ultrapassando 10%, o que representa o dobro da média nacional. Para além disso, a avaliação do Ministério da Educação apontou que mais de 3,2 milhões de discentes do Ensino Médio acertaram apenas 27% das questões de matemática e metade das questões básicas de língua portuguesa, demonstrando dificuldades significativas nas habilidades consideradas fundamentais.

Entre os vários efeitos da pandemia, é possível que destaquemos também o aumento da desigualdade social devido à exclusão digital. Com aulas, trabalho e entretenimento acontecendo remotamente, muitos discentes e docentes foram excluídos do acesso ao espaço digital. Segundo o professor Ivan Claudio Siqueira, do Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da USP, a pandemia amplificou desigualdades que já

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis nos *links*: 1- [https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2021/apresentacao\\_pesquisa\\_covid19\\_censo\\_escolar\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2021.pdf). Acessado em: 7 Nov. 2023. 2- <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/20/censo-escolar-confirma-impacto-negativo-da-pandemia-na-educacao-basica.ghtml>. Acessado em: 7 Nov. 2023.

existiam nas oportunidades de aprendizagem, visto que a educação remota requer equipamentos adequados e acesso à *Internet*, fator que não pertence à realidade de muitos<sup>5</sup>.

O professor também destaca a necessidade de formações para docentes que passaram a dar aulas remotas e enfatiza que é urgente promover habilidades de discernimento e interpretação de conteúdo online, especialmente para diferentes faixas etárias. A inclusão digital deve ser considerada enquanto direito cidadão, pois a qualidade da informação e a capacidade de selecionar informações adequadas são cruciais na formação das pessoas. Este cenário impacta não apenas a educação, mas vários aspectos da vida e, por conseguinte, da cidadania. Portanto, é preciso que, além de discutir as implicações das TDICs nos processos de ensino e aprendizagem, sejam analisados aspectos basilares como a democratização do acesso à *Internet*, principalmente em áreas desfavorecidas, num país marcado pela desigualdade social.

Assim, ao desenvolver um panorama de como o Ensino de História se relaciona com o da História Digital, tendo como foco as abordagens presentes nas pesquisas de professoras e professores atuantes nas redes públicas de ensino, este trabalho buscou ser um ponto de partida para as pesquisas na área, favorecendo novas formas de pensar e ensinar História num mundo conectado.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Rômulo Fernandes de. **As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História.** 2020. 124 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597962>. Acesso em: 25 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, E.NASCIMENTO, L. F.. **HISTÓRIA DIGITAL: REFLEXÕES A PARTIR DA HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA E DO USO DE CAQDAS NA REELABORAÇÃO DA PESQUISA HISTÓRICA.** Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 33, n. 69, p. 196–219, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/>. Acesso em: 16 jan. 2024

BRESSAN, R. T. **Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações.** Anagrama, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-13, 2009. DOI: 10.11606/issn.1982-

<sup>5</sup> Dados disponíveis no *link*: <https://jornal.usp.br/atualidades/exclusao-digital-pandemia-impos-mais-uma-lacuna-aos-estudantes-de-baixa-renda/>. Acesso em: 7 Nov. 2023.

1689.anagrama.2007.35306. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35306>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CÂMARA, S.; BENICIO, M. **HISTÓRIA DIGITAL: entre as promessas e armadilhas da sociedade informacional**. Revista Observatório, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 38–56, 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p38. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3596>. Acesso em: 2 out. 2023.

COSTA, Raquel Elison. **Ensino de História por meio do canal Quinhoar no Youtube**. 2018. 158 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575587>. Acesso em: 25 set. 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

G1. **Censo Escolar confirma impacto negativo da pandemia na educação básica**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/20/censo-escolar-confirma-impacto-negativo-da-pandemia-na-educacao-basica.ghtml> . Acesso em: 7 de Nov. de 2023

Jornal da USP. **Exclusão Digital: Pandemia impôs mais uma lacuna aos estudantes de baixa renda**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/exclusao-digital-pandemia-impos-mais-uma-lacuna-aos-estudantes-de-baixa-renda/> . Acesso em: 7 de nov. de 2023.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Pesquisa sobre os Impactos da Covid-19 no Censo Escolar 2021**. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2021/apresentacao\\_pesquisa\\_covid19\\_censo\\_escolar\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2021.pdf) . Acesso em: 7 de nov. de 2023.

MALERBA, J.. **Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital 1**. Revista Brasileira de História, v. 37, n. 74, p. 135–154, jan. 2017. Acesso em: 25 set. 2023.

MENDES, Gabriel. **Canal “Outra História”**: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História. 2018. 69 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560483>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Painel Covid-19 na Educação Básica. Questionário do Censo Escolar 2020**. Disponível em: <https://painelcovid-seb.mec.gov.br/questionario-censo-escolar-2020/index.html>. Acesso em: 7 de nov. de 2023.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. **ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA NAS REDES SOCIAIS ONLINE:** possibilidades e desafios para o espaço escolar. 2018. 168 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431686>. Acesso em: 16 de jan. de 2024.

PEREIRA, Daniel Carvalho. **Espaços públicos, saberes públicos:** um podcast como espaço de ensino de história. 2016. 79 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/204122>. Acesso em: 25 set. 2023.

ROBALINHO, Marta Cristina Soares Dile. **Os Objetos no Ensino de História:** um olhar para o século XIX no Museu da República. 2016. 140 páginas. Dissertação de Mestrado Profissional em História - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174830>. Acesso em: 25 set. 2023.

ROCHA, H. A. B.. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. **Revista Brasileira de História**, v. 30, n. 60, p. 121–142, 2010. Acesso em: 16 jan. 2024.

TURIN, Rodrigo. Metamorfoses de uma crença: reflexões sobre a experiência histórica contemporânea. **Topoi**, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 202-206. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/vzXrVhnvcZZWBy9WBVqKfGd/?lang=pt#>. Acesso em: 16 jan. de 2024.